



nº 2 Revista da Extensão

Extensão vista de PERTO

CAPOEIRA ANGOLA:
A CULTURA QUE
SOBREVIVEU NAS RUAS

GRUPO ANDANÇAS: O
FOLCLORE DO MUNDO
DENTRO DA ESEF

ULTRAPASSANDO
AS FRONTEIRAS DO
CORPO: FRONTEIRAS DO
PENSAMENTO 2010

COMPRANDO COM
CONSCIÊNCIA: PROJETO
TENTA MUDAR HÁBITOS
DE CONSUMO



Capoeira Angola

CAPOEIRA ANGOLA
página 4

COMPRANDO COM CONSCIÊNCIA
página 6

ULTRAPASSANDO AS FRONTEIRAS
DO CORPO
página 8

Ultrapassando as
Fronteiras do Corpo



ESPAÇO DO EXTENSIONISTA:
EXPERIMENTANDO O LOCAL E O
UNIVERSAL
página 10

EXTENSIONISTA CONVIDADO:
G8-GENERALIZANDO
página 12



Grupo Andanças

GRUPO ANDANÇAS
página 14

ENSAIO FOTOGRÁFICO:
ATIVIDADES AQUÁTICAS E
PRÉ-APRENDIZAGEM PARA BEBÊS
página 16

Colabore com a Extensão em Revista!

Extensão em Revista é a revista da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS; um espaço reservado à cobertura de eventos, reportagens sobre ações, fotos – e a você, extensionista.

A revista conta com reportagens realizadas pelos alunos do setor de Jornalismo do Núcleo de Divulgação das Ações de Extensão, mas não só. Você também pode participar. Como? Basta enviar seu texto – com fotos em alta resolução (300 dpi) para divulgacao_prorext@prorext.ufrgs.br até o dia 20 de setembro de 2010. Seu texto deverá ter título, subtítulo e entre 3.500 e 4.000 caracteres (com espaço) e deve tratar de um tema referente a assuntos da Extensão – ações, eventos (participação em eventos externos à universidade ou eventos promovidos dentro da ação).

A triagem dos textos dos Extensionistas será feita pelo Conselho Editorial. Após a avaliação do Conselho, os autores dos textos receberão parecer a respeito da publicação (ou não) dos seus artigos. Os textos aceitos serão publicados na sessão Espaço do Extensionista.

Ajude a construir o seu espaço! Participe!

Ficha Técnica

Reportagem: Isabel Waquil e Luiza Müller
Projeto gráfico: Fernando Freitas
Diagramação: Ana Cláudia Weber
Orientação Geral: Sandra de Deus
Revisão: Bibiana Nilsson, Isabel Waquil e Luiza Müller
Colaboradores: Claudia Boettcher, G8-Generalizando

Capoeira Angola

A CULTURA QUE SOBREVIVEU NAS RUAS

REPORTAGEM E FOTOS POR LUIZA MÜLLER



Quando trazida pelos africanos, ao Brasil escravagista, a capoeira tinha de se mascarar. Os escravos, vigiados e perseguidos, precisavam disfarçar sua luta em dança para que pudessem treinar para fugir. Depois da libertação proporcionada pela Lei Áurea, os ex-escravos, desempregados e sem ocupação, usavam a capoeira na luta pela sobrevivência, período no qual ela é vinculada ao malandro carioca e muito presente nas brigas de rua. Nesse tempo, sua prática foi proibida, saindo da ilegalidade só na década de 30. A capoeira sobreviveu na rua.

Nascido há quatro anos, com o intuito de resgatar a cultura afro-descendente da capoeira e levá-la para dentro das escolas, a Ação de Extensão “Capoeirando no CAP” a insere na vivência de alunos e membros de comunidades. O projeto trabalha, em três espaços de atuação, o ensino da Capoeira Angola que, diferente de outras vertentes, (como a capoeira regional que incorporou elementos das artes marciais), tenta resgatar a prática original dos escravos. De acordo com Ivan Livindo, professor de Educação Física e responsável pelo projeto, “a Angola foge da idéia de competição imposta pela regional, desenvolvendo a habilidade psicomotora e a mandinga, que é a artimanha e a expertise da cultura oprimida brasileira”.

Um dos espaços de atuação do “Capoeirando no CAP” é o Colégio de Aplicação da UFRGS (CAP). No colégio, a ação possui

um significado social relevante ao oportunizar a prática da capoeira, visto que, historicamente, a cultura corporal vivenciada nas aulas de Educação Física sofre influência da cultura européia e norte-americana, enquanto que a cultura dos povos indígenas e afro-descendentes é negligenciada. “Para mim é uma questão de consciência política”, explica Ivan Livindo, “pois sempre foi imposta uma cultura externa e alienígena à Educação Física Brasileira”. Por muito tempo as aulas foram desenvolvidas e ministradas por militares, que ensinavam a ginástica de origem européia, sendo que a primeira turma de professores civis formou-se somente em 1929. Todavia, de acordo com Livindo, “junto com os professores civis veio a ascensão do esporte, muito vinculado, pelo seu sentido de competição e premiação dos melhores, ao sistema capitalista opressor e excludente”.

O projeto procura desenvolver um trabalho de inclusão das comunidades ao redor do colégio, em especial a Vila dos Herdeiros, próxima ao bairro Agronomia. Drieli Guerreiro, de sete anos, começou a participar das aulas no início desse ano e explica que se interessou depois de ver uma apresentação dos alunos do “Capoeirando no CAP”: “Eu vim ver a apresentação deles [do grupo de capoeira], e gostei da capoeira. Também vi o balé, mas gostei mais da capoeira. A ginga é o que eu mais gosto nas aulas”. Além da participação de dois bolsistas, o “Capoeirando no CAP”



Turma infanto-juvenil do Capoeirando no CAP

possui uma parceria com o grupo “Raízes do Sul”, liderado pelo mestre Jean Sarará, atuante na capoeira há quase vinte anos, que provê uma ajuda 100% voluntária. “Até uns anos atrás, nós precisávamos ir para fora [da escola] para sermos valorizados”, comenta Jean, falando da importância do “Capoeirando”.

Um dos outros espaços de atuação é a Vila Planetário. Na Vila, o projeto abrange mais do que o ensino da capoeira, trabalhando o resgate da identidade do negro junto dos jovens e crianças. Pois, segundo Jean Sarará, “eles não se identificam muito com o negro” e Ivan complementa: “a cultura que eles vivem enquanto povo excluído é a da rua”. Muitos têm de ajudar a família na coleta de material para reciclagem, fazer malabares nas sinaleiras, além de faltarem muito às aulas na escola. A capoeira, assim, além de via de resgate para uma cultura que é deles, mas que eles desconhecem, serve também como um raro momento de lazer. Nesse segmento

do projeto, é especialmente desenvolvido o conceito de mandinga, que representa, diz Ivan, “o aspecto de sobrevivência do negro e do povo brasileiro através das brechas do sistema explorador em que vivem”.

O “Capoeirando no CAP” é parte de um movimento que tomou força com a lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que insere a história indígena e africana nos currículos escolares. Além disso, a cada ano que passa, o projeto expande mais seus horizontes. Além do Colégio de Aplicação e da Vila Planetário, a ação também está presente na Brinquedoteca da UFRGS, no Campus do Vale, contribuindo não só para o aprendizado das crianças, mas também para as mães que passam a ter uma opção para ocupar as crianças enquanto trabalham. Como ressalta Ivan Livindo: “O projeto é uma contribuição social muito grande, que sai dos muros e das grades do CAP. Por isso é um projeto de Extensão, estende a cidadania à comunidade”.



Comprando com consciência

PROJETO TENTA MUDAR HÁBITOS DE CONSUMO DENTRO DA UNIVERSIDADE
REPORTAGEM E FOTOS POR ISABEL WAQUIL

Vivemos na época em que o consumo desenfreado consagrou-se como modo de ascender socialmente. Quanto mais podemos comprar, gastar e adquirir novos bens, melhor estaremos posicionados dentro da sociedade. Compramos para satisfazer desejos pessoais e profissionais. Cada vez mais, entretanto, o ato de consumir se torna menos racional – não pensamos para onde vai nosso lixo, ou que impacto estamos causando no meio ambiente com uma compra. São estas atitudes que o projeto de extensão “Compras Ecoeficientes” vem tentando mudar.

Desenvolvido desde julho de 2009, na Coordenadoria de Gestão Ambiental da UFRGS, o projeto tem como meta diminuir o impacto ambiental das compras realizadas dentro da Universidade. Com “compras”, entende-se tudo o que é solicitado pelas unidades ao almoxarifado. A lista vai de materiais de escritório até produtos de limpeza. E como medir as consequências ambientais de cada item? “É difícil, a gente avalia uma série de questões”, explica Anne Krummenauer, estudante de Engenharia Ambiental do 5º semestre e bolsista do projeto. “Se o produto vem de longe, sabemos que há muito gasto de transporte associado a ele; se o produto tem muita embalagem, tu sabes que ele está gerando muito resíduo desnecessário”.



O CGA é localizado no antigo prédio da Química da UFRGS.

A idéia da atividade surgiu quando o Ministério Público divulgou uma agenda ambiental orientando os órgãos públicos a procurarem alternativas sustentáveis para os produtos no seu dia a dia. Foi a deixa para que iniciasse o “Compras Ecoeficientes”. A lista de almoxarifado da instituição vem sendo revisada e estão sendo propostas sugestões ecologicamente corretas para diversos itens. O objetivo é achar maneiras de incluir nas licitações da UFRGS produtos ecoeficientes, que poluam menos e que reduzam o impacto ambiental que a Universidade causa no meio ambiente como instituição social.

Como resultado das ações, o projeto já conseguiu inserir nas licitações da UFRGS a folha de papel reciclado. Portanto, quem necessitar de folhas do almoxarifado, vai usar o material

reaproveitado. O mesmo acontece com produtos de limpeza concentrados, que por usa vez economizam em embalagem e transporte, ao contrário dos vendidos na forma diluída.

A meta é continuar avançando. Nos itens da lista do almoxarifado, entretanto, o caminho é longo. Para alguns produtos, como o próprio papel, é mais fácil de encontrar um substituto sustentável. Mas você já pensou em uma alternativa ecoeficiente para um grameador?

A próxima meta da equipe, coordenada pelo professor Álvaro Menezes, é trabalhar com as lixeiras da Universidade. “Queremos discutir as lixeiras pra pensar até mesmo em um modelo mais eficiente. Porque, por exemplo, nessas que são trançadas, às vezes o lixo engancha e rasga o saco”, comenta Anne. É uma série de questões que precisa ser revista, pois não adianta apenas achar um substituto para um produto. É preciso saber se ele é realmente eficiente e vai ter o desempenho esperado. “A gente ainda tem um longo trabalho. O próximo passo é a divulgação interna para o pessoal utilizar esses produtos, e ir avançando cada vez mais nos itens desta lista. Primeiro trabalhar com os que são mais utilizados e que têm maior impacto associado, pra depois partir para os outros”.



Ultrapassando as Fronteiras do Corpo

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO 2010:
PARA COMPREENDER O SÉCULO XXI
REPORTAGEM POR ISABEL WAQUIL



fotos: Divulgação

Novamente está sendo desempenhado um dos projetos mais bem sucedidos na Universidade em parceria com outras instituições. O “Fronteiras do Pensamento 2010” teve início no dia 3 de maio com uma palestra inspiradora, de ninguém menos que o candidato brasileiro ao Prêmio Nobel. Apesar de negar a afirmação de forma descontraída e dizer que “nunca ouviu falar sobre isso”, ganhar o prêmio de maior prestígio mundial não parece estar entre as prioridades de Miguel Nicolelis, neurocientista brasileiro, professor da Universidade de Duke, na Carolina do Norte (EUA) e consultor do Instituto do Cérebro da Escola Politécnica Federal de Lausanne, na Suíça.

Durante a palestra, Nicolelis mostrou, com muitas analogias ao futebol, as principais idéias e desdobramentos das pesquisas que coordena nos Estados Unidos. Uma das tantas expressões curiosas que citou foi a “sinfonia cerebral”, equivalente ao que conhecemos como pensamento. Hoje, através de todos os avanços da neurociência, somos capazes de ler essas sinfonias em meio a tempestades cerebrais, para melhorarmos nossas capacidades físicas e mentais. No momento em que consolidarmos a interface entre mente e máquina, no chamado “loop de controle”, haverá a libertação do corpo, e o cérebro será capaz de controlar elementos maquinais e exteriores ao nosso corpo apenas com

estas sinfonias. Parece futurista? Pois já está acontecendo.

Em Duke, Nicolelis tem como uma de suas companheiras mais queridas a macaca Aurora. Foi com a sua ajuda que ele pode provar ao mundo todo que a nossa mente pode ser libertada das fronteiras físicas do corpo, “algo que o arrepiava até hoje”. No experimento, a macaca ficava jogando com uma espécie de *joystick*, tentando acertar com o cursor pequenas esferas que surgiram na tela. Depois de algum tempo, o *joystick* foi removido e Aurora passou a controlar um braço robótico apenas com o cérebro. Concluiu-se que a macaca incorporou o artifício como parte do seu próprio corpo, enviando-lhe estímulos para que ele realizasse os movimentos. Recorrendo ao esporte, Nicolelis afirma que não estamos tão longe desta realidade. “A raquete, para o tenista, também é a extensão do corpo”. E a veracidade das “jogadas” de Aurora impressionava, pois ela inclusive cometia os mesmos erros que quando estava usando o *joystick*, e era possível ver até mesmo a repetição das “trapaceadas” que a ajudante do cientista tentava aplicar no jogo. A experiência serve para principalmente projetarmos esta realidade no corpo humano, em pessoas que perderam membros ou movimentos.

O que é de arrepiar mesmo é o projeto Campus do Cérebro, localizado no subúrbio de Natal (RN) e liderado por Nicolelis com outros colegas entusiasmados.

O Campus, cuja planta é em formato de avião devido à adoração de Nicolelis por Santos Dummont, vai ser um verdadeiro centro de estudos avançados do cérebro, ao mesmo tempo em que vai dar acesso a crianças de uma das regiões mais pobres do país a inúmeras atividades de desenvolvimento social e educativo. O Campus ainda está em construção, mas já conta com duas escolas para crianças e adolescentes e um centro de saúde da mulher, para suprir a falta de assistência pré-natal da região. O Campus ficará pronto em 2011, mas já esboça um futuro promissor para jovens cientistas, que incorporaram ao seu cotidiano experiências com a robótica, física e informática. Além de todas estas ações fenomenais no âmbito da inclusão social, Nicolelis ainda conseguiu para o Campus do Cérebro, através de uma doação vinda da Suíça, o mais potente computador da América Latina — uma máquina que vai rodar 49 teraflops (46 trilhões de operações por segundo).

Com a voz embargada, Miguel Nicolelis encerrou sua conferência na Fronteiras do Pensamento 2010 com uma frase que a princípio parece ufanista, mas que cai como uma luva para o trabalho de um cientista que fez um macaco mexer um braço mecânico com o pensamento e que está implantando na periferia de Natal um dos mais avançados centros de estudos do cérebro: “O impossível é factível”.



foto: Luiza Muller

Oficina do Unimúsica 2010: Barbatuques

Experimentando o Local e o Universal

POR CLAUDIA BOETTCHER

Este ensaio se propõe a abordar uma experiência cultural vivida no mês de março de 2010, e as relações com os conceitos de “local” e “universal”.

Aqui, local é referido como os diferentes *campi* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que apesar de configurarem como ‘partes’ de um ‘todo’ (a UFRGS), são ricos em identidades culturais porque é da sua essência a transitoriedade, das administrações e dos estudantes que vivenciam apenas alguns anos da instituição.

A relação entre o local e o universal no ambiente da UFRGS é a proposição que permeia este texto em forma de analisar se há ou não uma política cultural e se tal política é classificável (programática, eventista, funcional, de experimentação), ou, ainda, se ela possibilita e ou mobiliza a satisfação de necessidades afetivas.

Em três ações realizadas – o Barbatuques (SP) grupo de percussão corporal; Tonho Crocco, gaúcho que apresenta um repertório com influências do samba, soul, afrobeat, swing e samba-rock e a OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre com peças de Mozart – observamos experiências diferentes e ao mesmo tempo permanentes: a do gestor cultural e a do espectador. Na medida em que se desenvolviam as manifestações culturais, o sentido da Universalidade pôde ser vivenciado no som, na audição, na música, como um código universal. A

sonoridade como o código que se traduz em sentido, para transformar a essência do ser.

Na experiência do Barbatuques (SP), sons que não costumam ser associados ao universo da música – como palmas, estalos, batidas no peito, sapateados, vácuos de boca – surpreendem como a matéria-prima para a produção de ritmos e melodias. A platéia formada pela comunidade local se integrou aos músicos e a experiência se transformou em vivência, com espectadores apropriando-se do espetáculo e experimentando as sonoridades do próprio corpo. A ação cultural, a linguagem da obra da arte rompe o palco, interagindo de forma local, mas ultrapassando o local de origem, encaminhando-se para se ampliar, sob uma lógica de que o universal sempre surge localmente.

Em um outro *campi*, Tonho Crocco, músico local com 17 anos de carreira, reuniu a “comunidade universitária” do Campus do Vale, em um espaço que diariamente é ocupado para almoço dos estudantes, para transformá-lo em um espaço social culturalizado. Assim, esta experiência torna-se um momento de lazer, lembrando os “... atos necessários e úteis... atos que são bons em si mesmos e em si mesmos se esgotam”.

O sentimento é de pertencimento, pois as músicas remetiam para algum lugar da memória, talvez pela mescla do tradicional gaúcho, do soul, do rock. Dessa forma, em um espetáculo com ritmos diversos, o local mostra que o universal se repete. A alma agradece e se revigora com a afirmação da identidade, enquanto “... participação de

símbolos e práticas de reconhecimento com o fim de constituir imaginariamente uma coletividade inserida no tempo...”.

A terceira experiência é com a orquestra sinfônica de Porto Alegre, regida pelo Maestro Isacc Karabtchevsky. Um terceiro público da mesma comunidade porto-alegrense se faz presente em uma ação composta de vários códigos e regras de comportamento: abertura solene, Hino Nacional e Hino Rio-grandense e a Orquestra dá início à execução do programa. Novamente o público experimenta a sonoridade, representada em uma obra não apenas universal, mas também atemporal.

Pensando na realização destes três espetáculos, pode-se chegar à conclusão de que a UFRGS possui uma política cultural, em que o pluralismo permeia a obra de arte e a obra de cultura, que é a essência da proposta geradora da política cultural.

Partindo do conceito de desenvolvimento cultural e considerando que as necessidades culturais não são objetivas e que nesse universo emergem diferenças simbólicas entre grupos – que mesmo pertencentes ao mesmo Estado e País são constituídos por referências culturais distintas – surge a questão: como a política cultural na UFRGS deve ser construída, considerando as referências culturais distintas?

Desenvolvimento se analisa a partir da liberdade e da capacidade de decidir, entretanto, como as necessidades culturais não são objetivas, é necessário um processo de diálogo para o reconhecimento das ne-

cessidades, o que reforça a importância da formulação da política cultural em que a sistematização e a organização necessitam de profissionais preparados. Neste cenário diverso, em que o gestor cultural está em formação e que identidades estão em constante transformação, é necessário se pensar em nova prática de atuação na política cultural. As identidades, portanto, não são fixas e esse fato possibilita ao gestor pensar em uma política cultural como uma nova maneira de estar no mundo, buscando a satisfação de necessidades afetivas e ou mobilização de afetos.

Um dos possíveis caminhos que a política cultural pode trilhar na Universidade é aquele apresentado por Michel Maffesoli, que já apresentava a política de proximidade sem dar este nome a ela: “ligar-se e voltar a ligar-se àquilo e àqueles dos quais fazemos parte. Olhar...é tomar conta daquilo que existe. É também ver dentro. Recorrer às intuições... isto é, ter uma visão do interior. O que permite compreender a dinâmica que move, subterraneamente, a sociedade. Significa, enfim, estar atento aos problemas da raiz, das origens e da sedimentação do saber”.

Orquestra Sinfônica de Porto Alegre



foto: Divulgação

G8-Generalizando: uma história de gênero e interdisciplinaridade

ESPAÇO DO EXTENSIONISTA

Nasce um grupo de Direitos da Mulher

A Extensão em Direitos da Mulher surgiu no Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (SAJU) da Faculdade de Direito da UFRGS em meados de 2006, em um período anterior à criação da Lei Maria da Penha, mas, sem dúvida, sofrendo suas influências. Inicialmente o grupo chamava-se apenas G8, constituindo o oitavo grupo de assistência do SAJU. Em 2007, o grupo firmou parceria com um projeto de extensão da Faculdade de Psicologia, parceria que existe até hoje, passando a comportar em seu quadro não apenas estudantes de Direito e advogado(a)s, mas também psicóloga(o) e estudantes de Psicologia. Ao longo de sua história, aprendeu que o Direito por si só não é capaz de comportar as deman-

das surgidas da sociedade. Entre suas discussões, estão debates sobre gênero, a tentativa constante de diminuir os traumas decorrente do litígio e, sobretudo, evitar a (re)vitimização das mulheres que sofreram e sofrem com a violência.

Fazendo-se Generalizando

Em 2009, criou-se então o projeto “Generalizando”, incorporado pelo grupo, e que trouxe uma ampliação do público alvo na medida em que o gênero, comumente associado unicamente ao feminismo, foi tomado em sua real dimensão, abarcando todas as possibilidades que o feminino e o masculino oferecem. Nessa perspectiva, foram realizadas ações no sentido de efetivar-se como um grupo que trata das temáticas de Direitos da Mulher e LGBT (lésbicas, gays, bissexu-

ais e transgêneros). Além da temática, as práticas do grupo também foram ampliadas, passando a ir além dos atendimentos realizados na sede do SAJU, alcançando outros espaços de transformação social. Atualmente, o grupo é composto por estudantes de Direito, Psicologia e Ciências Sociais, também contando com advogada(o)s e psicóloga(o)s. Continuam sendo realizados atendimentos regularmente na sede do SAJU, buscando-se também a realização de atividades junto à comunidade, como grupos de mulheres, oficinas, distribuição de material informativo/pedagógico, participação em mobilizações, fóruns e promoção de debates.

Direitos da Mulher na Vila São Judas Tadeu

Em parceria com a Associação de Moradores da Vila São Judas Tadeu (AMOVITA), e por intermédio do GAP (Grupo de Assessoria Popular), também do SAJU-UFRGS, foi realizada no dia 23 de maio a Oficina Caminhos da Penha. A atividade trabalhou os Direitos da Mulher e a Violência Doméstica através de um jogo interativo que constrói o passo-a-passo do acesso à justiça e do percurso que leva aos serviços de proteção à mulher. A parceria com a Comunidade da Vila São Judas deve seguir ao longo de 2010!

Gênero e Imagem no UFRGS Portas Abertas

Pelo segundo ano consecutivo, o grupo realizou no UFRGS Portas Abertas uma exposição que toma a forma de um Varal Fotográfico no prédio da Faculdade de Direito. A mostra trouxe duas narrativas: “Mulheres em Atos, Fatos e Retratos” e “Heteronormatividade e Sexismo: uma construção invisível”. Mais uma vez, a mostra contou com a participação ativa do público, que livremente deu legendas às fotos, completando as imagens em significado. Além da Mostra Fotográfica, foi exibido o documentário “Marias do Brasil”. A narrativa “Mulheres em Atos, Fatos e Retratos” foi selecionada para o evento Fazendo Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Dia Internacional da Mulher

No Dia Internacional da Mulher de 2010, foi realizada uma intervenção na Faculdade de Direito e de Psicologia da UFRGS, distribuindo panfletos que visavam reafirmar os Direitos da Mulher e combater todas as formas de violência contra o feminino, sejam elas explícitas ou veladas. Junto ao material impresso, foram anexadas camisinhas, que visavam trazer uma mensagem de empoderamento feminino.

Dia Internacional Contra a Homofobia

No Dia Internacional Contra a Homofobia, celebrado em 17 de maio, o grupo realizou uma intervenção por meio de cartazes nos prédios da Faculdade de Direito, Psicologia e Ciências Sociais da UFRGS. Os materiais chamavam o transeunte à participação: ele podia manusear o cartaz, tirando uma espécie de “véu” que tapava parte da mensagem. A intervenção marcou um dia de luta contra a homofobia - que infelizmente ainda baseia o senso comum e gera violências.

Visite o blog do grupo:
g8generalizando.blogspot.com





Grupo Andanças

O FOLCLORE DO MUNDO DENTRO DA ESEF
REPORTAGEM POR LUIZA MULLER

A idéia surgiu no ano de 1999 com as oficinas do projeto “Dança ao Meio Dia”. O intuito era trabalhar as danças folclóricas através de aulas gratuitas ministradas para quem estivesse pela ESEF (Escola Superior de Educação Física da UFRGS) no horário do meio dia e quisesse sair da rotina. Em 17 de maio do mesmo ano, fez-se uma reunião em que foi decidida a criação de um novo grupo de dança. Nascia o Grupo Andanças. “Todos tiveram a sua participação para que o grupo acontecesse”, conta Clóvis Rocha um dos fun-

dadores e atual coreógrafo. Entre os componentes estavam experientes bailarinos, como Clóvis, que dedicou grande parte de sua vida à dança, e alunos de Educação Física da ESEF.

Hoje o Andanças é uma Ação de Extensão da UFRGS. Seu primeiro registro como tal foi feito no ano de 2002. Nascendo com o característico braço social e comunitário da Extensão, o projeto proporcionava uma oportunidade que muitos não teriam, oferecida através das oficinas ao meio dia: a da experiência artística gratuita. “O mais

importante é formar pessoas que tenham experiência de palco, aquela adrenalina, platéia cheia, luzes... Essa pessoa talvez não se torne, como muitos não se tornaram, bailarinos. Mas certamente são pessoas diferenciadas quando vão assistir a um espetáculo”, salienta Clóvis.

Contudo, o Andanças não faz história só dentro da ESEF. Como remete o próprio nome, ele já passou por vários países e é reconhecido mundialmente. Seus bailarinos já representaram o Brasil nas festividades da Coreia (na Copa do Mundo de

Futebol de 2002), além dos festivais da França durante o mês de julho de 2002, República Tcheca em 2004, Chile em 2010, dentre outros.

A aceitação nos diversos festivais mundiais é sempre boa. “Sem querer ser bairrista, mas o Brasil é sempre o país que todo mundo gosta, que todos querem chegar perto, conversar... Até porque, como bons brasileiros, a gente faz amizade com todo mundo”, comenta Clóvis, bem-humorado. Como se não bastasse, o grupo é organizador do Festival Internacional de Folclore de Porto Alegre, que teve sua primeira edição em 2003, trazendo atrações de todos os continentes.

O grupo trabalha com projeção folclórica, ou seja, elementos de outras expressões da dança são incorporados para que ela fique mais visual e interessante. “Quando nós fazemos um estudo sobre um novo folclore, procuramos nos inteirar, ver os movimentos, os símbolos, porque a projeção folclórica funciona assim, sem perder contato com o original” explica Clóvis. Além disso, há a participação de músicos que tocam as canções folclóricas ao vivo em algumas apresentações.

Com o tempo, foram sendo agregadas pessoas que começaram a dançar com as oficinas e assim descobriram

uma nova aptidão. A bailarina e estudante de Educação Física, Roberta Behr de Moraes, teve no Andanças a oportunidade de concretizar a sua vontade de dançar. “Quando eu entrei na ESEF, no horário de almoço, entre uma cadeira e outra, tinha as oficinas de graça. Eu comecei, entrei no grupo, e tudo que sei sobre dança aprendi aqui. Dentro do Andanças eu tive diversas oportunidades, de viajar, de trabalhar e é isso que me motiva a continuar” conta a estudante. O bailarino e professor de Educação Física, Vítor Ely, salienta o caráter de iniciação do grupo: “Pelo fato de não ser pago e também por não ser remunerado, o Andanças não exige muito a técnica para a participação. As pessoas que nunca estiveram em um grupo de dança se sentem mais à vontade para começar.”

Para os bailarinos, o Andanças ultrapassa o campo artístico. Cláudia Dutra, que já tinha



experiência com outros ritmos antes de entrar no grupo, explica a influência que sofreu da dança folclórica: “Eu comecei na dança com jazz e ballet. Eu era responsável pelo meu corpo e fazia tudo sozinha. Quando cheguei aqui, eu tinha, em muitas coreografias, que confiar meu corpo nas mãos de outra pessoa. Por isso, a questão de relações melhorou muito, de confiar na outra pessoa.” As experiências de intercâmbio cultural nos festivais internacionais também são mencionadas como de grande relevância pelos membros do grupo. Thieli Hanssen Dias, hoje com 18 anos, iniciou no Andanças aos 14, e comenta sobre o aprendizado no Festival do Chile deste ano: “Tinha gente que nunca tinha falado nada em espanhol. Aconteceu que muitos chegaram falandoportunhol e voltaram realmente falando espanhol”.

Novo convite para ir à França surgiu esse ano. Infelizmente o grupo não pôde comparecer, mas por uma boa causa: estava em processo de organização do 3º Festival Internacional de Folclore de Porto Alegre. Uma das metas do grupo é desenvolver e buscar velhos conceitos do projeto, como as oficinas que são a porta de entrada da comunidade e estarão presentes no festival.



Atividades Aquáticas e Pré-aprendizagem para Bebês

FOTOS E TEXTO: ISABEL WAQUIL

Com mais de 20 anos de existência, o projeto de Extensão Atividades Aquáticas e Pré-aprendizagem para Bebês seguiu firme com as aulas mesmo durante o inverno. O projeto, liderado pela professora Helena de Azevedo, acontece nas piscinas da ESEF e possui diversas turmas para crianças de 0 a 5 anos. A ação leva este nome justamente por desenvolver os movimentos e reflexos das crianças, a partir das atividades dentro d'água. "Quando eu dou a contagem regressiva para o mergulho das crianças pequeninhas, eu trabalho o reflexo da glote. Esse reflexo tranca a entrada de qualquer coisa a partir do músculo da glote, então ela pode mergulhar sem engolir água", explica a professora Helena. E o que isso facilita na vida das crianças? Ato simples como assoar o nariz e o vômito são facilitados pelo desenvolvimento do reflexo, ao passo que o engasgue, por exemplo, é prevenido. "Não ensinamos a nadar. Trabalhamos através desses movimentos na água com tudo o que vai melhorar a vida diária delas", pontua a coordenadora. O sucesso do projeto aparece estampado nos rostos molhados das crianças que se agitam dentro da água, e também nos dos pais, que acompanham todas as aulas ao lado da piscina.







UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

PROEXT